

# na linha quebrada da nossa época...

1

Uma frase de Voltaire:

«Quando dois filósofos discutem sem se compreenderem, fazem metafísica; quando se não compreendem a eles próprios, fazem alta metafísica.»

2

Das obras póstumas de Nietzsche:

«Os alemães dividem-se actualmente em judeus e anti-semitas; estes últimos queriam bem ser verdadeiros alemães.»

3

Aspectos do nacionalismo francês: 50 % dos fornecimentos em pirite para os trusts de armamento alemães vai de Espanha, proveniente de Rio Tinto (sociedade inglesa, grupo Rotschild) e de Huelva (sociedade francesa, grupo Kuhlmann, Agache).

Esta última empresa, francesa, envia 50 % da sua produção para a Alemanha e o restante para a Bélgica. Para a França nada vai, apesar da pirite ser uma necessidade para a sua defesa nacional.

4

De «Acção Sindical», órgão do Sindicato nacional dos empregados de escritório de Lisboa, transcrevemos:

(Continuação da página anterior)

dação de 1914, a amostra do sacrifício inútil de milhares de vidas, obrigou-o a sair do isolamento, do esoterismo, do labirinto de problemas que a decadência de uma mentalidade e de uma moral tecerá à sua volta. A obra de Montherland é toda ela o espelho do homem que se procura em tudo e em tudo se perde. O homem sem raízes na materialidade da vida, vivendo de e para problemas mais fictícios do que reais, criados por uma inteligência aguda, mas anti-constructiva, e por uma sensibilidade desmoralizada. Montherland é talvez o maior escritor saído da guerra; os seus livros desconcertantes nascem da atitude céptica, cínica e anárquica do homem que depois de estar soterrado quatro anos no sub-solo das trincheiras ou se arrastando sobre os cadáveres da terra de ninguém, nada encontrou de novo na frente ocidental—como disse Remarque—quando

«Veja-se o que é a Vida, Paixão e Morte de um empregado de escritório, se tiver o ordenado Esc. 1.100\$00 e a seu cargo 3 pessoas de família, ou seja mulher e dois filhos, admitindo que os meninos nunca passem, por exemplo, dos 5 anos:

Renda de casa (casa económica), 225\$00; Alimentação mais que modesta, 550\$00; Vestir, calçar, bragal, sem romper muito, 150\$00; Seguro dos haveres, 4\$00; Luz (média), 25\$00; Água (média), 15\$00; Combustíveis (carvão e petróleo), 45\$00; Jornal para se entreter (sociedade com o vizinho), 6\$00; Montepio Geral (Previdência), 20\$00; Imposto de desemprego, 22\$00; Imposto profissional, 22\$00; Taxa Militar, 4\$00; Tabaco, do mais barato e refreando o apetite, 30\$00; Higiene (sabão, sabonete, pasta e cortar o cabelo), 25\$00; Quota do Sindicato e beneficência, 5\$00; Licença de T. S. F. para divertir a família, 6\$00; Transportes, uma pessoa e uma viagem por dia, 25\$00. Soma, 1.179\$00. Saldo negativo, 79\$00.

E o resto? «o homem não vive só de pão»...

Educação dos filhos, Liceu, livros, explicadores, 0\$00; Médico, por se ser susceptível de estar doente, 0\$00; Farmácia, especialidades farmacêuticas, etc., 0\$00; Renovação de utensílios domésticos, 0\$00; Despesas mínimas de ocasião, 0\$00;

abriu os olhos novamente para a luz e para a paz. O livro de Montherland sobre os acontecimentos de Setembro de 1938, cujo título é já um símbolo literário, é também um livro cruel, como cruel é toda a obra do autor do «Les Jeunes filles». É um desengano, com aquele ar de naturalidade profissional com que o médico se dirige à família do moribundo já sem cura ou salvação. Montherland não procura o pé nem na ressurreição pura dos grandes ideais, nem na esperança de uma transformação das realidades materiais.

Paul Nizan é o homem que chega. Paul Nizan não faz teoria, não se deixa naufragar no mar sem fundo do idealismo. *Cronique de Septembre* é, como seu nome o indica, um livro sem devaneios literários. Paul Nizan analisa, demonstra, mostra, sem hipérboles e sem hipóteses, sem romance. No livro de Nizan está documentalmente provada a fragilidade e a im-

Aproveitamento do mês de férias, para onde?, 0\$00; Cultura do espírito, livros, revistas, etc., 0\$00; Teatro, uma vez por mês não é muito, 0\$00; Cinema, idem, 0\$00; Mulher a dias (caso a esposa adoça) e é certo, 0\$00; etc., etc.

A partir—para baixo—de Esc. 1.100\$00 começa a morte lenta do empregado, da mulher e dos filhos...

Os cálculos acima indicados ou melhor, as verbas, ficam muito aquém da realidade e que o diga quem ganhar 1.100\$00. Mas como está provado, por inquérito feito, que a maioria dos ordenados não excedem 400\$00, 500\$00, esta-beleça-se a média de 600\$00, uns por outros, visto serem poucos os que ganham 800\$00, 900\$00 e 1.000\$00, e reflita-se:

Como pode viver em Portugal um empregado de escritório? Que mistérios de privações e de imaginação não encerra o verdadeiro drama da Vida, Paixão e Morte do empregado de escritório?»

5

Algumas pessoas são assaltadas pelo desgosto de se verem sós. Isso dá-se principalmente com as mulheres. Pensar numa forma sã, actuar de acordo com esse pensamento, são coisas a que se não aventuram porque dizem consigo: «Sou eu só». Ora este facto

potência do idealismo nas suas contradições com a realidade, a tração das ideologias em face dos acontecimentos, a incompatibilidade dos métodos com os sistemas, o que constitui a aparente hipocrisia de que falam as parangonas dos jornais e os insultos simultâneos dos «leaders».

Lido o livro de Mann ficamos desiludidos, o único remédio é acreditar na vitória final como o moribundo que, perdidas todas as esperanças na vida terrena, acredita, por instinto de conservação, na vida eterna; Montherland retira-nos até essa última esperança; Nizan mostrando-nos o falso, a inépcia, a impotência dos homens e dos meios em frente dos acontecimentos, revela-nos a certeza de que é ao homem que compete dirigir, abrindo novas directrizes à sua acção, ao seu pensamento e à sua sensibilidade, tomando a consciência humana e social conforme com as condições materiais da vida.

revela que cada uma delas desconhece qualquer das outras e o que devia era tratar de conhecê-las. Porque nenhuma está na realidade só.

6

O papel das revistas é um papel de direcção e de esclarecimento dos passos dos homens. Mas essa direcção não deverá deixar perder-se pelos caminhos enganadores do abstracto. Precisa de alargar-se metódicamente por todas as faces da vida, numa análise poliscópica do real. Só assim a revista será um instrumento de cultura viva. Só assim tocará os verdadeiros problemas angustiantes, mostrando que as suas soluções se impõem numa forma cada vez mais insofismável.

7

O progresso da sociedade dá-se através de teses, antiteses e sínteses. Este desenvolvimento dialéctico pode exprimir-se por meio duma linha quebrada que se dirige continuamente para a frente. E qual será então no momento actual a direcção precisa dessa linha? Não necessitamos de muitas palavras para o dizer: consiste na unidade de todas as energias criadoras.

Eis porque um idealista, crédulo nas ressurreições, na eternidade e nos elixires, em todas as utópicas esperanças de uma vitória final, me dizia, depois de ter lido o livro de Paul Nizan: «É um livro cruel, porque é um livro verdadeiro, um livro que se não pode discutir». Sim, o livro de Nizan é um livro cruel, mas só para os idealistas, porque lhes diz que a verdade da nossa época é incompatível com o idealismo.

Munique, o célebre pacto que ficará na história como marca da nossa época paradoxal, tem nos três livros citados, três reflexos, três interpretações, todas verdadeiras, cada uma em relação ao homem que a escreveu e às gerações a que ele pertence e que ele representa; mas o de Paul Nizan é mais alguma coisa: é um documento informativo para o início do roteiro do homem do futuro.

ANTONIO RAMOS DE ALMEIDA